

Novo Congresso assusta constituintes de 1946

'Instituição sobreviveu mas prestígio caiu'

Jorgemar Felix
e Mauro Ventura

Nos últimos dez dias os leitores da *Coluna do Castello* se acostumaram a ver uma nota no final dos textos do jornalista Carlos Castello Branco noticiando o paradeiro dos deputados constituintes de 1946. No dia 1º de fevereiro, na posse do novo Congresso, o colunista aproveitou para homenagear os primeiros parlamentares eleitos depois da ditadura do Estado Novo (1937-1945), que redigiram a quinta Constituição Brasileira. A comparação inevitável com a atual legislatura levou Castello a uma triste constatação. "A instituição sobreviveu, mas o fato é que sofreu no seu prestígio". As causas do desgaste são públicas: falta de quórum nas sessões, mordomias de toda espécie e o comércio de votos que marcou a última eleição. "Aquele Constituinte tinha um nível intelectual mais alto", lembra o deputado federal Aluizio Alves (PMDB-RN), 69 anos, único sobrevivente daquele Congresso ainda em atividade política.

A idéia de recordar a Constituinte de 46 surgiu durante uma conversa entre Castello e Aluizio Alves, na casa do ex-ministro José Aparecido. Mais tarde, o deputado enviou um fax ao jornalista com os nomes dos antigos colegas ainda vivos. Em sua coluna, Castello enumerou os grandes políticos daquele Congresso — que funcionava no Palácio Tiradentes, hoje sede da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro — como Getúlio Vargas, Luis Carlos Prestes, Otávio Mangabeira, Nereu Ramos, Artur Bernardes, Prado Kelly, Nestor Duarte, José Américo de Almeida, Israel Pinheiro, Milton Campos, Juscelino Kubitschek e Flores da Cunha. "Aumentou o número de deputados e caiu a qualidade intelectual. O nível hoje, bastante modesto, se aproxima muito do resto da sociedade brasileira", afirma Castello.

Não há como deixar de dar razão ao jornalista. A última legislatura, por exemplo, encerrou-se com cenas que lembravam uma luta de boxe. Os grandes discursos do passado foram substituídos por xingamentos e troca de socos entre os deputados José Lourenço (PDS-BA) e Amaral Neto (PDS-RJ). Ambos reeleitos. Pelo exemplo da deputada Wanda Reis (PMDB-RJ), na semana passada, Castello terá motivos para se decepcionar com o novo Congresso. A mulher do *papai Noel de Quintino* ameaçou acampar no meio do plenário porque até hoje não recebeu seu apartamento funcional.

São fatos que escandalizam os constituintes vivos de 46. "Tenho pena desse país, a carência de homens públicos é alarmante", diz o ministro do Trabalho do governo JK, Fernando Nóbrega, 84 anos. Outro ex-deputado, Lahir Tostes, 79 anos, compartilha da mesma indignação: "É o fim da picada, nunca pensei em ver isso". Há 45 anos, os privilégios eram bem menores. Os deputados não tinham apartamento, nem ganhavam passagens regulares para seus estados. Essas mordomias surgiram após a transferência da capital federal para Brasília. "Se JK não construísse apartamentos, o Congresso não se mudaria", diz Aluizio Alves. "A Câmara e o Senado deveriam vender os imóveis, como está fazendo o Executivo." A experiência de Castello, porém, indica o contrário: "Os deputados estão mais interessados em alterar o regimento do que mexer nas mordomias."

Cenas inusitadas e tipos excêntricos também compunham a Constituinte de 46, mas os excessos eram combatidos com rigor. O principal episódio que os deputados guardam na memória foi protagonizado pelo petebista Barreto Pinto. Pouco depois da eleição, o deputado posou de fraque, cartola e cueca para a revista *O Cruzeiro*. Convocado a se explicar na tribuna da Câmara, Barreto aprontou mais uma. "Na hora que ele ia falar, queimou um fusível e as luzes se apagaram. Na escuridão, Barreto acendeu uma lanterna e apontou para um lugar que não devia", conta o udenista Afonso Matos, 79 anos. Nem a amizade pessoal com Getúlio Vargas livrou Barreto da cassação.

Histórias pitorescas como essas eram incomuns. "Se as luzes fossem apagadas, você podia pegar um braço qualquer ao acaso que com certeza seria um nome de realce", afirma Matos. Entre os 42 senadores e 286 deputados, destacava-se como orador o baiano Otávio Mangabeira, da UDN. "Quando ele discursava dava para ouvir até uma mosca", lembra Tostes. Ao contrário do atual Congresso, com sessões limitadas a apenas três dias por semana, de terça a quinta-feira, na Assembleia de 46 o trabalho era intenso. "Era comum a gente entrar às 13h e sair à meia-noite", diz Nóbrega.

O fim do mandato dos parlamentares que elaboraram a Constituição, em 1949, coincide, segundo Nóbrega, com o início da "ignomínia" do Legislativo. Eleito primeiro suplente em 1950, ele relutou muito em assumir o mandato depois da morte de um colega de partido. Foi necessária até a interferência do presidente Getúlio Vargas. "Estava sem entusiasmo, desanimado com rumo que o parlamento tomava. Foi quando começou a correr dinheiro com a venda de votos", lamenta.

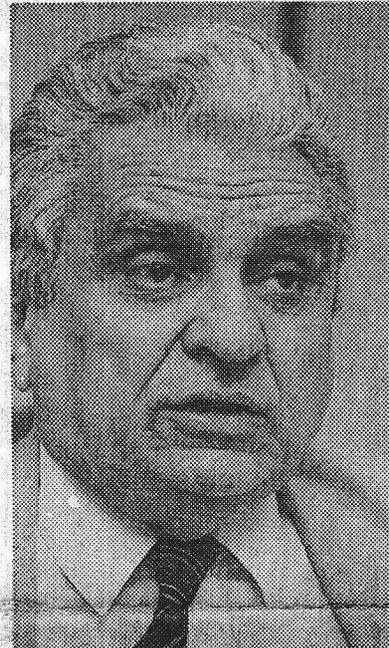


Barreto Pinto: punição



Nóbrega: indignação

Wilson Pedrosa — 19/09/88



Alves: o único em atividade



Palácio Tiradentes, sede da Constituinte de 46

Jair Cardoso — 1968



Matos: saudade dos bons discursos e nomes ilustres